

Modelo de intervenção oratória no Portugal contemporâneo: a Missão Popular

A C Á C I O S A N C H E S

Centro de Estudos de História Religiosa
ajasanches@gmail.com

Resumo: As Missões Populares procuraram corresponder às necessidades de pregação especializada da Igreja Católica praticamente desde Trento até ao Vaticano II. Na sua estrutura tradicional, desenvolvem-se entre os oito e os quinze dias. Envolveram a deslocação de vários agentes missionários e o recrutamento no local de diversas equipas de leigos. Durante os dias de pregação, precedidos por um período de minuciosa preparação do universo sociológico a atingir, o programa missionário ocupava o dia inteiro desde a eucaristia matinal, até ao grande sermão, passando pela visita dos doentes, as conferências especializadas e a catequese das crianças. Os missionários não dispensavam acções públicas de elevado impacto como as procissões, via-sacras e grandes concentrações. Após a Missão, os pregadores deixavam na paróquia vários elementos físicos e espirituais, que faziam perdurar na memória colectiva não só a doutrina, mas também o ambiente vivido; e procuravam que os fiéis se inscrevessem em determinadas obras pias, que os comprometessem no futuro com uma sábia militância cristã.

Palavras-chave: Missão Popular, Missão do interior, Pregação, Oratória, Religiosidade popular.

Abstract: The Popular Missions sought to meet the needs of specialized preaching in the Catholic Church from Trent to Vatican II. In its traditional structure, they lasted between eight and fifteen days. They involved the displacement of several missionary agents and recruitment on location of several teams of lay people. During the days of preaching, preceded by a period of careful preparation of the sociological universe to achieve, the missionary program occupied the whole day from the morning Eucharist, to the great sermon, through visiting the sick, the specialized conferences and the children's catechesis. The missionaries valorized high-impact activities such as public processions, Stations of the Cross and large concentrations. After the Mission, the preachers left in the parish various physical and spiritual elements that made endure in the collective memory not only the doctrine but also the whole environment of the mission; they also sought that the faithful decided to enroll in certain pious works that would engage them in a healthy Christian militancy.

Keywords: Popular Mission, Interior Missions, Preaching, Oratory, Popular religiosity.

Introdução e enquadramento

Um dos géneros de pregação extraordinária mais difundidos nos países católicos europeus, desde o Concílio de Trento, é a Missão Popular¹, que se pode definir como uma pregação intensiva, feita por equipas de pregadores, num local determinado, durante um período breve e ininterrupto de tempo, com o objectivo de veicular a doutrina católica, ministrar os sacramentos da cura de almas, congregar os fiéis e reintegrar na prática religiosa os afastados.

A sua origem remonta a meados do século XVI, tendo-se tornado um dos métodos oratórios mais utilizados pela *Propaganda Fidei* para combater o avanço protestante e implementar a doutrina da Contra-Reforma. Em Portugal, é seguro que foram pregadas as primeiras Missões do Interior desde essa época, favorecidas pelo facto de, em Setembro de 1563, o rei D. Sebastião ter assumido como lei para todo o reino as resoluções doutrinárias e pastorais do referido Concílio².

No século XX, entre as Ordens Religiosas que desenvolveram esta actividade em Portugal está a dos Frades Menores Capuchinhos³ que, desde 1940 até 1982, pregaram 351 Missões Populares. Ao longo de 42 anos, atingiram todas as dioceses do país, envolvendo um total de 42 missionários. A presente exposição baseia-se na actividade missionária concreta destes religiosos, amplamente documentada num estudo recente⁴.

A eficácia da metodologia missionária levou a que a Igreja Romana tornasse obrigatória a pregação de Missões Populares a cada dez anos em todas as paróquias, conforme o prescreve a letra do Cânone 1349 do Código de Direito Canónico de 1917⁵. Esta prerrogativa jurisdicional estimulou várias Ordens Religiosas masculinas de vida activa a especializarem-se neste género de pregação. Deambulando de terra em terra, os seus missionários faziam ecoar no fundo das consciências a bravura da doutrina dos sermões, os avisos espirituais das práticas e a orientação moral das suas

1 Também dita Missão do Interior, cf. Eugénio dos Santos – *Missões do Interior*. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. J-P. Dir. Carlos Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores 2001, p. 221-231.

2 Cf. Manuel Clemente – *Motivos tridentinos da nossa religiosidade popular: a pregação de Frei António das Chagas (a partir da sua biografia, escrita pelo padre Manoel Godinho)*. *Estudos contemporâneos*. 6 (1984) 61-74; Eugénio dos Santos – *Missões do interior em Portugal na época moderna: agentes, métodos, resultados*. *Arquipélago*. 4 (1984) 24-35.

3 A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos está estabelecida em Portugal desde 1939. Os seus religiosos são conhecidos por Franciscanos Capuchinhos ou simplesmente por Capuchinhos, terminologia que utilizaremos indistintamente.

4 Cf. Acácio Sanches – *Missões Populares dos Franciscanos Capuchinhos. Análise histórico-teológica*. Porto: Faculdade de Teologia - UCP, 2011. (Biblioteca Humanística e Teológica, 21).

5 «Ordinarij advigilent ut, saltem decimo quoque anno, sacram, quam vocant, missionem, ad gregem sibi commissum habendam parochi curent»: *Codex Iuris Canonici*. Roma: Typis Polyglottis vaticanis, 1917, p. 371. De certo modo, o novo Código de Direito Canónico, de 1983, não anulou esta prescrição, pois no cânone 770 determina que «os párocos, em tempos determinados, segundo as prescrições do bispo diocesano, organizem pregações, chamadas Exercícios Espirituais e Sagradas Missões, ou outras formas de pregação adaptadas às necessidades»: *Código de Direito Canónico, edição anotada*. Braga: Edições Theologica, 1984, p. 495.

conferências. Através da palavra promoviam uma efectiva mudança nos corações, que levasse ao arrependimento e à confissão das culpas pessoais, reabilitando no crente a graça manchada pelo pecado.

I. Procedimentos prévios

Em geral, as Missões Populares eram objecto de cuidada preparação, não só no que diz respeito à orgânica estrutural a implantar no terreno, mas também no que concerne ao estudo e preparação dos destinatários. Antes da chegada dos agentes, a paróquia devia não só tomar conhecimento da acção prevista, mas também criar condições materiais, humanas, psicológicas e espirituais para a sua concretização.

As Missões Populares podiam ser requeridas pelo bispo, quando se pretendia uma intervenção missionária mais abrangente, mas, em geral, eram solicitadas directamente pelos párocos. Com uma antecedência compreendida entre os seis meses e os dois anos, os superiores da Ordem escolhiam um religioso sacerdote, devidamente preparado, como director da Missão, que passava a conduzir todo o processo, em coordenação com os párocos.

1. Estudo sócio-religioso do lugar

Na fase mais remota da preparação da Missão Popular, os Franciscanos Capuchinhos não dispensavam o estudo sócio-religioso do local a missionar, compreendendo a verificação *in locu*, que exigia a deslocação de pelo menos um missionário, normalmente o director da Missão, a descrição pormenorizada do lugar e a inquirição da população. Estas diligências eram normalmente complementadas pela troca de correspondência com os párocos.

A necessidade em conhecer o melhor possível o universo sociológico levava os missionários a preocuparem-se com distintas áreas. Desde a situação demográfica; o número de baptismos, as crianças inscritas na catequese, a média de óbitos e casamentos por ano; a percentagem da prática do preceito dominical e da desobriga pascal; o tipo de movimentos católicos activos na paróquia e os horários do culto. No âmbito moral, o director da Missão questionava o pároco sobre a educação dos filhos, casos de mancebia, indiferentismo religioso, principais faltas morais públicas e privadas, bem como a causa das mesmas. Para facilitar e uniformizar a inquirição dos párocos, na década de sessenta, surge um formulário, intitulado «Inquérito de Consciência», dividido em cinco áreas: sócio-económica e demográfica; ético-religiosa; familiar-educativa; pastoral; e a análise pessoal.

Esta metodologia proporcionava aos pregadores um conhecimento prévio da comunidade destinatária, que por sua vez, lhes permitia adaptar o programa da

intervenção missionária às necessidades locais, no que diz respeito aos conteúdos, horários, cânticos, acções de rua e outras dinâmicas. Para facilitar este estudo prévio, circulava um formulário chamado «Inquerito de Consciência», que os párocos deviam preencher antecipadamente e remeter ao orientador da Missão.

O primeiro grupo de questões deste formulário aborda a situação geral da freguesia: a sua extensão geográfica e demográfica, o impacto da emigração, as actividades laborais predominantes e a influência que se detecta das famílias mais ricas sobre a restante população. No mesmo grupo de questões, inquiriam-se também configurações mais circunstanciadas, mas igualmente úteis para a programação missionária, como sejam a dimensão da igreja paroquial e a sua capacidade para acolher todo povo; o número de capelas existentes dentro dos limites geográficos da paróquia e a existência ou não de santuários próximos; as missas que se celebravam ao domingo e o orago da freguesia; a existência ou não de electricidade; a distância entre a igreja principal e a residência paroquial; e os transportes que se podem utilizar para chegar ao lugar.

O grupo seguinte faz um levantamento da vida religiosa e moral dos paroquianos. Pede as percentagens relativas ao cumprimento do preceito dominical, da desobriga quaresmal; da frequência dos sacramentos e a reza do terço em família; o número das crianças da catequese e as obras de piedade existentes. Além disso, procurava saber o nível moral dos paroquianos em geral e em particular, inquirindo os principais defeitos dos homens, das mulheres e da juventude, a existência de casas públicas, salas de cinemas e outras diversões.

O terceiro conjunto de perguntas, no verso do impresso, questionava a vida familiar, pesquisando o número de uniões ilegalmente constituídas, os principais problemas das famílias e suas causas, os males a corrigir na preparação do casamento, o que havia a notar a respeito da natalidade e do uso de abortivos e anticonceptivos no controle da natalidade, o número de baptismos por ano e a sua percentagem em relação aos nascimentos; a influência que tinham, respectivamente, o homem e a mulher sobre a família, como se educavam os filhos, o número de escolas existentes na paróquia e, finalmente, a qualidade dos professores e autoridades locais.

O quarto grupo de perguntas, «Sobre a Santa Missão», começava por apurar a data da última Missão, se era ainda lembrada pelo povo e se existia uma recordação física da mesma, v. g., a Cruz da Missão. Logo depois, perguntava se dispunha de um crucifixo de grandes dimensões para poder ser utilizado durante a Missão; que ambiente iriam encontrar os missionários; que pregações o pároco costumava promover em cada ano e os níveis de adesão às mesmas. Seguiam-se informações relativas ao programa, nomeadamente o esquema matinal e nocturno e a pregação às crianças, pedindo sugestões para a hora de início de cada acção; aparecia depois o elenco dos cânticos que mais se iriam usar, pedindo para assinalar os conhecidos pelo povo.

A última secção destinava-se à análise pessoal e a outras observações que o zelo e a prática pastorais do pároco aconselhassem.

Assim, o «Inquérito de Consciência» oferecia aos pregadores uma visão aproximada da paróquia, permitindo-lhes conhecer de antemão o meio social e religioso a missionar. Com base nos resultados, podiam antecipar as dificuldades, orientando o programa missionário e os conteúdos da oratória no sentido de melhor responder aos problemas concretos locais. Exigiam-se, pois, pregadores não só bem preparados em matéria teológica, moral e pastoral, mas também hábeis na interpretação das emoções, tanto dos indivíduos como dos grupos sociais.

2. Preparação da freguesia

Alguns meses antes de ter início a Missão Popular era necessário criar as estruturas para a sua realização. O pároco, principal agente eclesiástico local, devia encarregar-se de, sob a orientação do director da Missão, fazer uma adequada implementação logística de larga escala, o que exigia normalmente a colaboração de muitos voluntários e, por vezes, profissionais.

Mesmo paróquias pouco extensas, não dispensavam a criação de, pelo menos, duas comissões. A comissão permanente e a de propaganda. A primeira, a mais importante, tinha a seu cuidado toda a Missão, podendo repartir parte das incumbências com outras comissões ou sub-comissões, cujo trabalho devia coordenar. Por sua vez, a comissão de propaganda, era responsável não só pela publicação de programas, boletins, pagelas, panfletos, cartazes, convites e estampas, mas também pela distribuição ou afixação dos mesmos. Era a interlocutora privilegiada dos órgãos de comunicação social, sobretudo a imprensa e a rádio local, quando existente. Além do grupo adulto, nas tarefas de propaganda encontramos jovens e crianças. Paralelamente a estas, houve paróquias onde se constituíram comissões de honra, de entidades patronais e comerciais, de operários e funcionários, de catequistas e professores, de jovens e de apoio aos doentes.

Da preparação estrutural fazia parte ainda a ornamentação solene da igreja paroquial e das ruas principais; o arranjo de salões para as conferências; a montagem do carro de som para as procissões; a armação de andores; a construção de um palco para os actos realizados ao ar livre; a disposição de alojamento para os pregadores, às vezes em casas particulares; a aquisição de cruces pequenas, velas, flores, grinaldas, foguetes e outros materiais. À chegada dos missionários, tudo devia estar pronto. Nenhuma comissão, porém, era desmobilizada, pois durante a Missão todas continuavam a ser essenciais, quer para dar cumprimento ao programado, quer para responder a imprevistos.

3. Acções de propaganda

A estrutura que preparava a Missão Popular movimentava muita gente, cujo trabalho criava todo o suporte logístico necessário e, ao mesmo tempo, ia gerando uma atmosfera individual e colectiva de expectativa e um clima favorável à chegada dos missionários.

Nesse sentido, as acções de propaganda não tinham em vista apenas a informação, mas trabalhavam o campo religioso, psicológico e emocional dos indivíduos. Cartazes, pagelas, convites e programas, distribuídos antes da Missão, sugeriam que se intensificasse o recolhimento individual, a oração e o sacrifício. A inserção nestes impressos de certas advertências espirituais dirigidas a cada um, acarretava que, mais do que convocados, os destinatários se sentissem provocados e, por vezes, compelidos a comparecer nos actos da Missão. Distanciar-se do processo missionário podia supor uma certa forma de auto-exclusão social.

No terreno colectivo, segundo a óptica dos missionários, ninguém devia ficar de fora, nem mesmo a sociedade civil. Atenção peculiar mereciam as classes locais mais prestigiadas, convidadas a envolverem-se na Missão desde a fase remota, tanto pela incorporação directa nas comissões, como por meio de donativos. Esperava-se que o envolvimento individual fosse capaz de catalizar o desejo da Missão no conjunto dos fiéis, mas também se apresentavam propostas tendentes a gerar um sentimento comum, através de uma acção concertada entre todos. Assim, para manter o menos poluído possível o ambiente religioso, rogava-se à população que se abstinésse de espectáculos e diversões, mesmo que legítimos, pelo menos durante o último mês anterior à Missão Popular.

4. Programa missionário

O programa e a duração das Missões Populares eram adaptados a cada situação, não existindo um esquema rígido. No entanto, foram mais frequentes as Missões de 15 dias, logo seguidas das de 8 dias. Houve também algumas de menor duração e um grande número compreendidos entre os 9 e os 14 dias.

A elaboração do programa competia à equipa missionária, sob a orientação do director da Missão e em sintonia com o pároco, mas a execução gráfica e divulgação cabiam à comissão de propaganda. Podia ser muito simples e breve, cingido a uma folha dobrada, ou semelhante a uma pagela de bolso, onde figurava apenas a data, horário e alguns avisos espirituais. Mas também podia ser mais elaborado e completo, chegando a apresentar-se como um caderno de 16 páginas impressas a quatro cores. Nestes modelos constam mais informações: data, horário e avisos; conselhos e intenções espirituais; local onde se colocam as estações da via-sacra e ruas por onde passam as

procissões; apelos e recomendações; cânticos e outras particularidades. Normalmente omitiam-se os temas das práticas e sermões.

Diversas circunstâncias podiam impedir ou aconselhar a que não se imprimisse um programa específico. Por isso, os missionários dispunham de uma pequena pagela, sem data nem lugar, que cumpria a função de motivar e convocar a população, podendo ser utilizada em qualquer tipo de Missão Popular, rural ou urbana, mais longa ou mais breve.

II. Pregação da Missão Popular

A estrutura da Missão Popular, embora adaptável a diversas circunstâncias, como dissemos, em geral observa um perfil unívoco. Destaca-se a cerimónia de abertura, discreta mas eficaz; e o encerramento, o ponto mais elevado de toda a Missão, celebrado em tom festivo e apoteótico. Nos dias de pregação, o ritmo era intenso quer para o povo, quer para os missionários, o que exigia religiosos robustos física e psicologicamente. Chegados ao local, deviam estar preparados para tudo: celebrar missas, pregar qualquer tipo de sermão e prática, proferir conferências sobre variadíssimos temas, convocar e empolgar a assembleia, ensaiar cânticos, orientar as orações, organizar via-sacras e procissões, ensinar as crianças, resistir às inúmeras horas de confessionário, visitar todos os doentes, idosos, presos e militares da freguesia e dispor-se a conversar com o cidadão comum, às vezes em locais improváveis. A gestão de equipas compostas por vários missionários recomendava a máxima coordenação, de modo a não ser notada qualquer discrepância doutrinal ou metodológica⁶. Desde o amanhecer até à noite, a jornada era pontuada por uma cadência de actos que, repetindo-se todos os dias, criavam uma certa rotina. Após o encerramento, os missionários retiravam-se, para regressar um ano depois a fim de renovar a Missão.

1. Abertura

A Missão Popular dos Franciscanos Capuchinhos portugueses, ao contrário da de outras Ordens Religiosas dedicadas ao mesmo apostolado no país, não dava grande visibilidade ao momento da chegada dos missionários. A recepção era discreta e decorria durante a cerimónia dita de abertura, no interior da igreja paroquial, omitindo o desfile, o deflagrar de foguetes e o toque de sinos, que outras congregações valorizaram desde tempos remotos⁷. No dia aprazado, dois ou mais missionários, conforme a dimensão

6 Cf. Gumersindo de Estella – *El misionero práctico: norma para predicar misiones en pueblos católicos según la tradición de los religiosos Capuchinos*. Pamplona: PP. Capuchinos, 1945, p. 11-16.

7 Na tradição, que remonta aos séculos XVII e XVIII, as Ordens Religiosas procuravam que a chegada dos missionários fosse rodeada de grandiosidade. Avisada pelo toque dos sinos, a população ia esperá-los fora da povoação. Eles elevavam imediatamente

da paróquia, compareciam ao lado do pároco⁸, revestidos de hábito castanho cingido com uma corda branca, sandálias nos pés e barbados, segundo as normas 34, 39 e 40 das Constituições⁹. O pároco apresentava-os individualmente e seguia-se o sermão de abertura, proferido pelo director da Missão, sobre os objectivos que se propunham e as disposições individuais e colectivas a adoptar. No final da cerimónia, anunciava-se o programa geral, particularizando um ou outro aspecto conforme necessário. Terminava-se com uma bênção simples, dada pelas mãos dos missionários.

2. Desenvolvimento

A Missão Popular conta com duas grandes forças motrizes: a oratória e a manifestação pública da fé. A primeira, vertida em sermões, práticas e conferências é veículo de doutrinação do povo; por sua vez, a manifestação pública da fé, concretizada em grandes concentrações e procissões, alarga materialmente o campo de acção missionário e permite superar barreiras psicológicas individuais e colectivas. Vejamos como se integram no programa missionário.

a) A jornada missionária

O programa diário da Missão era estabelecido de forma a enquadrar-se na orgânica social, evitando interferir em excesso nas rotinas. Por isso, era ajustado à realidade local, de modo a tornar acessíveis a todos os sectores, não só os actos comuns, mas também os actos exclusivos para os distintos grupos.

Por norma, a jornada missionária iniciava-se muito cedo: entre as 5 horas e 30 minutos e as 7 horas. Durante cerca de uma hora, rezava-se o terço e celebrava-se a missa, que incluía uma prática breve ao Evangelho. Terminada a celebração, os missionários desenvolviam actividades orientadas não para todo o povo, mas para grupos particulares. Assim, nas manhãs da primeira semana, iam às escolas e visitavam doentes e idosos. Nas manhãs da segunda semana, ocupavam-se com conferências para senhoras e raparigas, em grupos separados.

À tarde, prosseguiam os trabalhos iniciados pela manhã e dedicavam-se às crianças, esperando-as na igreja, depois das aulas. Chegavam a correr e logo um missionário as

um grande crucifixo ou estandarte para presidir ao cortejo. O mais velho dos missionários, revestido com o hábito próprio da Congregação, implorava a clemência divina e, com velas acesas e aspersão de água benta, exorcizava os demónios, para que não impedissem a conversão das almas. Seguidamente cantava-se a ladainha de Nossa Senhora e todos se dirigiam em procissão à igreja paroquial. Aí tinha lugar a primeira prática ou sermão, acerca da utilidade da Missão Popular, da sua necessidade, das indulgências, cujo *Breve* se lia em público, e da dignidade e poder dos missionários. Cf. Eugénio dos Santos, *Missões do interior em Portugal na época moderna: agentes, métodos, resultados*. In *Arquipélago*. 4 (1984), 44-45.

⁸ Quando o bispo se fazia presente, a ele e não ao pároco competia presidir a esta cerimónia.

⁹ *Constituições dos Frades Menores Capuchinhos*. 34, 39 e 40. In *Regra e Testamento do Seraphico Pae S. Francisco com as Constituições dos Frades Menores Capuchinhos e as Ordenações dos Capítulos Geraes*. São Paulo: [s. n.], 1936, p. 44, 46-47.

acolhia e sossegava, propondo-lhes um cântico, ao ritmo de palmas. Seguiu-se uma breve oração, a catequese e os ensaios. Com a colaboração de catequistas, preparavam com elas pequenas peças de teatro, recitação de poemas, cânticos com mímica e outras funções, para apresentarem na festa das crianças, que ocorria no fim-de-semana seguinte ao início da Missão.

Em geral, quando o sol se punha começavam os actos nocturnos. Aqui, à excepção dos dias em que havia via-sacra ou procissões, o programa consistia no ensaio de cânticos uns minutos antes da hora marcada, a recitação do terço, a prática, o grande sermão (o ponto alto da jornada), a bênção e a despedida. Antes de os fiéis se retirarem, havia tempo para algumas observações sobre o andamento da Missão, recordava-se o programa do dia seguinte e faziam-se os avisos. Seguiam-se, em alguns dias, as conferências para homens e rapazes, em grupos separados.

Em cada jornada, as surpresas eram sempre bem-vindas, o que significa que nem tudo era revelado. A este propósito, havia missionários que deixavam deliberadamente o povo em suspenso, não definindo com total clareza o programa do dia seguinte ou revelando apenas detalhes que despertassem a curiosidade. Esta estratégia defendia também possíveis alterações no programa ou adaptações de última hora, sem que o povo o constatasse.

b) A oratória

No que diz respeito à oratória, devemos distinguir entre a pregação e a instrução. A pregação missionária compõe-se de sermões e práticas (também ditas prédicas) e trata os assuntos dogmáticos, morais e espirituais; a instrução missionária, de cariz mais coloquial, é feita em conferências especializadas, de conteúdo mais catequético e social.

Portanto, os missionários deviam ser versados em oratória. Acediam aos primeiros rudimentos nos seminários, onde se estudava e praticava eloquência e declamação. Já Ordenados e autorizados a pregar, era no silêncio dos gabinetes e bibliotecas conventuais que se aperfeiçoavam. Cada pregador burilava minuciosamente a sua colecção de sermões, práticas e conferências, que completava, aperfeiçoava e reescrevia ao longo da carreira, pois «um missionário sem bons sermões é como um soldado sem armas»¹⁰. Quando pregava mantinha-se atento à reacção do povo, para adaptar o discurso às necessidades do momento, acentuando uns aspectos e moderando outros, não fosse a acção terapêutica ficar aquém do desejado, ou ir além do necessário. Com gestos reforçava o andamento das palavras. O tom tanto podia ser grave e arrebatador, como circunspecto, suave, meigo e até pueril.

10 Pedro R. Santiadrán – *Experiencias Misionales, testamento misionero del P. Ramón Sarabia*. Madrid: Editorial el Perpetuo Socorro, 1959, p. 162.

A primeira pregação da manhã era uma prática, proferida durante a celebração da missa após as leituras bíblicas, versando sobre a vida de um santo, uma virtude moral, problemas da conduta humana, a conversão dos costumes, ou outros assuntos que as circunstâncias aconselhassem. Esta pregação, em geral breve, nem sempre se sujeitava às regras da oratória, embora fosse usual incluir uma pequena introdução e conclusão.

À noite, após a devoção mariana, fazia-se outra prática, mais longa que a matinal, mas sem ultrapassar 20 minutos. Catequizava-se o povo à luz dos Mandamentos da Lei de Deus, expunham-se as virtudes cristãs, combatiam-se os hábitos mundanos e nocivos, os desejos de vingança, incentivava-se a integridade de vida, a conversão dos costumes e ensinavam-se os meios de perseverança. Apesar de a temática ser nobre, procurava-se que esta intervenção fosse ligeira e agradável, podendo inclusive atingir, em certo momento, o carácter jocoso e provocar hilaridade. Metodologia justificada pela necessidade de dispor bem a audiência, em ordem a acolher com agrado o grande sermão.

Depois desta prática, entoava-se um cântico, durante o qual se convidavam os presentes a ficar de pé, permitindo deste modo desentorpecer o corpo, oxigenar os pulmões e libertar o espírito. Enquanto isso, o pregador abandonava o púlpito e outro ocupava o seu lugar para desenvolver o grande sermão, o núcleo da jornada. Numa igreja que tivesse dois púlpitos eles podiam ser utilizados em simultâneo. Na óptica dos pregadores, o grande sermão configurava o recurso oratório mais sólido para objectivar os intentos da Missão. Com uma duração compreendida entre os 30 e os 45 minutos¹¹, procurava-se que tivesse elegância estética e profundidade doutrinal. Por norma, cada sermão satisfazia uma unidade temática de grande importância teológica e espiritual, como a necessidade da graça divina; o fim último do homem e a salvação da alma; o pecado como desobediência a Deus; os Novíssimos da Alma: morte, juízo, inferno ou paraíso, tratados ao longo de vários dias; o prémio ou castigo eternos em consequência do estado de cada um no momento da morte, e os temas da misericórdia divina aliados ao apelo à confissão sacramental. Para captar a atenção do auditório sobre temas tão intensos e extensos, os missionários serviam-se de uma linguagem simples e acessível, ilustrando constantemente a exposição com casos exemplares, episódios bíblicos e pequenas histórias arrancadas ao quotidiano¹².

11 Entre os séculos XVI e XIX, o sermão podia ser muito mais longo, de hora e meia, duas, três e mesmo mais horas. Eram cansativos. Por isso, o missionário levava para o púlpito uma campainha que, de vez em quando, tocava com violência. Segundo nos diz Eugénio dos Santos, os Vicentinos e Oratórios eram mais breves e não ultrapassavam uma hora, servindo-se de uma ampulheta para medir o tempo, o companheiro puxava-lhe a roupeta para o avisar. Cf. Santos – *Missões do interior em Portugal*, p. 47-48.

12 Cf. António Ferreira Pinto – *Curso de Teologia Pastoral*. 3ª ed. Porto: Sociedade de Papelaria, 1941, p. 130-140. Diz-nos outro autor: «O sermão da Missão deve ser uma batalha bem concertada para triunfar dos inimigos da alma. Aqui [...] põem-se em jogo todos os recursos da eloquência. O entendimento, a vontade, a imaginação e a sensibilidade do orador devem vibrar intensamente com todas as suas nobres paixões e sentimentos, para fazer vibrar, ao mesmo tempo, as faculdades dos ouvintes e apoderar-se do seu ser. Trata-se de arrebatar a presa ao inimigo do género humano. [...] Todo o sermão deve produzir-se [...] como um diálogo que interessa a cada um dos ouvintes»: Estella – *El misionero práctico*, p. 26-27.

As práticas e sermões estavam igualmente presentes nas acções de rua, nomeadamente na via-sacra e procissões.

Finalmente, as conferências, ditas especializadas por se destinarem a sectores essenciais da população, como os grupos de homens, mulheres, rapazes e raparigas, a partir dos 14 anos; e, em certos casos, outros grupos, como: mães, casais, doentes, intelectuais, seminaristas, religiosos, operários, pescadores, criadas de servir, militares e presidiários¹³. Geralmente aos quatro sectores principais eram atribuídas duas ou três conferências, e aos outros apenas uma. Podiam decorrer no interior da igreja, contudo, os missionários preferiam outras salas da paróquia ou espaços públicos, como teatros, cinemas e salões de bombeiros. Ao contrário do sermão e da prática, o ambiente era mais informal, admitindo o diálogo e, depois da exposição do tema, um espaço para questões propostas pela assembleia. Os temas eram em geral educativos, adaptados a cada sector. Com um constante encorajamento à coerência de vida e à militância cristã, os missionários lembravam os valores cristãos para a educação dos filhos, a defesa da vida intra-uterina, o dever de apostolado, a pureza cristã, a vocação sacerdotal e religiosa, a estima pelo próximo, a necessidade de combater o respeito humano e de manter boa conduta familiar religiosa, social e profissional.

Na pregação destes temas, a imagem de Deus Pai ia evoluindo ao longo da Missão Popular, vincando inicialmente uns atributos e depois outros. Nos primeiros dias, Deus é o Criador, o Senhor do tempo e da eternidade, onnipotente, onnipresente e onnisciente, origem de todos os bens naturais e sobrenaturais, que governa o mundo. Nada existe que não proceda de si e nada deixa de existir sem o seu consentimento. Progressivamente, esta imagem era substituída pela de um Deus Legislador: o Senhor dos Mandamentos, que vê, observa e regista tudo. Passa, então, a ser um Deus temível pela sua ira e por causa da severidade com que castiga aqueles que fazem o que é proibido pela sua Lei. Esta figura divina impõe-se nas práticas e sermões que antecedem os dias dedicados ao sacramento da Penitência. Portanto, na segunda parte da Missão, Deus é mais Juiz que Pai, mais Remunerador que Criador. Mas, porque está disposto a perdoar todos os pecados, nos últimos sermões surge, finalmente, como um Pai bondoso, cheio de misericórdia e compaixão para com aqueles que se arrependem e convertem. Com esta imagem de Deus, os missionários queriam reforçar a convicção de que uma confissão bem feita livra o crente de toda a culpa, concede-lhe a graça santificante e abre-lhe as portas do Paraíso.

Por sua vez, Cristo surgia na Missão Popular não tanto segundo as categorias bíblicas de Filho de Deus, Filho de Homem ou Mestre, mas, antes, como o Servo de

13 O exemplo mais evidente da grande variedade de sectores atingidos é a Missão da Cidade de Bragança, que envolveu as paróquias de Santa Maria e da Sé, em Maio de 1968. Cf. *Missão geral na cidade de Bragança. Boletim Oficial do Comissariado dos Frades Menores Capuchinhos em Portugal*. Vol. III, 22 (1968), p. 667-668; cf. *A Santa Missão nas duas paróquias da cidade. Mensageiro de Bragança* (10 de Maio de 1968), p. 6.

Javé, condenado à morte por causa dos nossos pecados e esmagado pelo sofrimento. No povo, esta visão gerava sentimentos de culpa pelo derramamento do seu sangue inocente. Cada pecado era normalmente interpretado como um espinho cravado na carne de Jesus, que aumentava a sua dor e o peso da sua cruz. A sobrevalorização oratória das representações iconográficas de Jesus sofredor, preso à coluna para ser açoitado, chagado de vergastadas e quedas, coroado de espinhos, carregado com a cruz e nela pregado, sobrepunha-se à imagem de Cristo Glorioso. A cruz ocultava a ressurreição. Cada pessoa era convidada não só a aceitar o próprio sofrimento, mas também a incrementá-lo, fazendo sacrifícios pessoais para os associar aos de Cristo. Deste modo, o sofrimento era enaltecido como caminho de salvação. Deus aceitou como expiatória a morte de Cristo que, portanto, se tornou uma acção salvífica realizada em benefício dos homens, mas dela só beneficiam aqueles que estão em estado de graça.

Nesta oratória, a Igreja assumia-se como uma entidade cuja missão consistia em administrar e distribuir os méritos da morte redentora do Salvador, particularmente presentes nos sacramentos. Através da Missão Popular cabia-lhe colocar a graça de Deus ao alcance dos fiéis para que estes obtivessem a salvação. Uma salvação individual, embora aberta a todos. Em grande medida, isso deve-se à importância que a teologia dava ao Juízo Particular, que ocorre imediatamente após a morte, em detrimento do Juízo Universal, que podia abrir o tema da Parusia, mais ligado à escatologia colectiva. Por isso, a imagem de Igreja mais presente na pregação era a de Reino de Deus, organizado como sociedade hierarquizada desde o papa até ao povo, passando pelos bispos, presbíteros e diáconos. À hierarquia compete não só legislar como também aplicar as penalizações devidas aos transgressores das leis desta sociedade. Assim, o sacramento da Penitência era visto como uma espécie de tribunal.

Viver moralmente bem significava cumprir a Lei. Ou seja, mais do que exercitar as virtudes, fazia-se consistir a vida de cada indivíduo em observar o que é ou não lícito. Consequentemente, a gravidade do pecado determinava-se de forma externa à consciência. O acto era bom ou mau, grave ou leve em si, independentemente do sujeito. Nesta perspectiva, fica claro que morrer depois de cometer um pecado mortal sem o confessar e sem receber a sua absolvição sacramental significava a condenação eterna, mesmo que o teor de vida anterior fosse absolutamente irrepreensível. Consequentemente, no capítulo da espiritualidade promovia-se uma vida que tendesse a perseverar-se em estado de graça, sem pecados. Para isso o crente devia evitar tudo o que não lhe é permitido e acumular, quanto possível, actos bons e meritórios, de sofrimento, piedade e amor, seja para aperfeiçoamento pessoal, seja para aplicar às almas dos defuntos.

c) Manifestações públicas da fé

O impacto mais significativo de uma Missão Popular não se circunscreve à oratória, mas verifica-se sobretudo nas manifestações públicas da fé, concretizadas, por um lado, em procissões como a de Nossa Senhora, a das crianças, a via-sacra pregada e a hora santa ambulante; e, por outro lado, em concentrações como a cerimónia de encerramento e a romagem ao cemitério. Estas acções eram as que aglutinavam o maior número de pessoas. Se necessário, os missionários deitavam mão deste recurso, logo nos primeiros dias, para vencer respetos humanos ou outras barreiras. Em povoações mais extensas, a concentração foi solução de recurso para a celebração da Eucaristia e outros actos comuns, por causa da grande afluência de fiéis face à exiguidade do templo. Nestes casos, o adro da igreja, uma praça ou o largo da feira, eram testemunhas de constantes concentrações e manifestações, impraticáveis em qualquer outra situação, atendendo sobretudo às normas do regime a que Portugal esteve submetido desde a década de quarenta até 1974.

Acções desta natureza e dimensão supunham um amparo logístico considerável. Só como exemplo, devo referir que, entre outros elementos, era necessário elevar um amplo palco para as celebrações, construir e adornar 14 palanques para as estações da via-sacra, armar os andores, comprar velas e preparar o carro de som. O ambiente vivido no seio do grupo de pessoas mobilizadas para estas actividades, contagiava o resto da população e gerava normalmente um corpo com o qual o pároco podia contar futuramente, como estrutura de apoio à sua pastoral.

d) Conversão e reintegração na vida da comunidade

A Missão Popular tradicional deve ser encarada como um processo de reintegração na vida da comunidade. A vida eclesial anterior ao Concílio Vaticano II é pautada por uma clara separação entre o mundo do sagrado e o mundo do profano. Para ter acesso ao sagrado, as pessoas necessitam reunir determinadas condições espirituais, designadas como «estado de graça». Este não é entendido como inato, mas unicamente acessível através dos sacramentos administrados pela Igreja. A primeira assunção do estado de graça é feita no Baptismo, em que a pessoa obtém a graça santificante e se torna membro de pleno direito da Igreja. No entanto, a imaculabilidade adquirida pode manchar-se ou perder-se mediante o pecado pessoal. Em estado de pecado, a pessoa não tem acesso ao mundo do sagrado da mesma forma que antes. Consequentemente, o crente é privado de determinados direitos na vida presente e, não alterando a sua situação, está destinado à pena de purificação no Purgatório, na vida meta-histórica, em caso de pecado leve ou venial; ou à condenação do Inferno, em caso de pecado grave ou mortal. Portanto, o estado de pecado objectiva uma situação pessoal de exclusão

dentro do âmbito eclesial, só ultrapassável através de uma nova inclusão validada pelo sacramento, não o Baptismo, só possível uma vez, mas a Confissão.

Esta convicção movia os missionários no sentido de incentivar os fiéis à confissão individual dos pecados, após o que o penitente é readmitido à comunhão eclesial. O objectivo de uma Missão não se satisfazia plenamente sem a confissão da totalidade dos paroquianos; por isso, os resultados registados ao fim de três ou quatro dias de confissões eram geralmente elevados. Quando era fisicamente impossível responder a toda a demanda, a equipa missionária contava com o auxílio de sacerdotes do clero das paróquias circunvizinhas.

Tal como as conferências, também as confissões se organizavam por grupos separados de homens, mulheres, rapazes, raparigas e crianças. Ocorriam nos últimos dias da Missão, ou seja, após a pregação das matérias principais, quando já tinham começado os temas do arrependimento, perdão dos inimigos, penitência, misericórdia de Deus e propósito firme de emenda¹⁴.

3. Encerramento

O último dia da Missão Popular constava de dois actos substantivos: a comunhão geral e a cerimónia de encerramento.

Para os missionários era imperativo que se gravasse indelevelmente na memória do povo o ambiente vivido durante a Missão Popular, para o que contribuía de forma particular o último dia, dividido entre a comunhão geral e a cerimónia de encerramento. Por isso, havia festa, toque de sinos, música pelas ruas e foguetes. Era o solene convívio da família paroquial, que firmava a sua nova condição, reconhecida pela comunidade e por cada um dos seus actores.

a) *Comunhão geral*

Usualmente, a comunhão geral, isto é, a comunhão de todos os fiéis da paróquia, ocorria durante a manhã, dentro de uma liturgia rica e participada, numa só missa ou em várias, caso fosse celebrada por classes. Este acto consuma o objectivo de reintegração dos indivíduos na comunidade cristã e, ao mesmo tempo, permite a verificação dos resultados da intervenção missionária. O número de confissões e comunhões era registado como indicadores¹⁵.

14 Cf. *Salva a tua alma*. 7ª ed. Porto: Missionários Capuchinhos, 1962, p. 47.

15 Os missionários cuidavam de registar as cifras respectivas para aferir os resultados, que comunicavam em relatório ao bispo diocesano e superior regular. Vejamos dois exemplos: 1º «Nas 15 Missões pregadas, fizeram-se: 216 sermões missionários, 105 conferências particularizadas, 105 práticas mandamentais, 135 práticas de ocasião ou de afervoramento e 45 práticas às crianças [...]. As Missões tiveram uma correspondência espiritual nunca menor de 60% e nalgumas de 100%»: *Resumo do apostolado dos padres Frei Mateus e Frei Jerónimo do Souto, nas Ilhas. Boletim Oficial do Comissariado dos Frades Menores Capuchinhos em Portugal*. Vol. III, 3 (1961), p. 123-124; 2º «Com a missa campal presidida pelo director da Missão, houve para cima de três mil

b) Cerimónia de encerramento

O encerramento da Missão, também dito conclusão ou clausura, guardava-se para a tarde e constava de grande concentração de todo o povo, em que se homenageava especialmente o Santíssimo Sacramento e a Cruz. Esta concentração popular pode definir-se como uma manifestação colectiva de assunção de compromissos. Mantinha o ambiente de festa da comunhão geral, sendo algumas vezes precedida de uma procissão com o Santíssimo Sacramento, desde a igreja até ao local exterior onde se congregava o povo. Do programa constavam o sermão da perseverança, a renovação das promessas baptismas, a consagração a Nossa Senhora ou ao Sagrado Coração de Jesus, o beijo da Cruz da Missão e a bênção papal.

A Cruz da Missão ocupava neste momento o lugar de maior destaque. Antes da bênção, entre cânticos, as pessoas vinham beijá-la respeitosamente. Com este gesto a comunidade selava um compromisso de perseverança no estado de graça, fidelidade eclesial e militância cristã. Este selo tornava-se um código que entrava na memória individual e colectiva, sendo institucionalizado de uma forma simbólica tão sólida, que a sua lembrança futura eanimava o próprio compromisso. Ficando exposta numa das paredes interiores da igreja paroquial, a Cruz da Missão, com 120x60 cm, perpetuava publicamente este momento. Ao beijar a cruz, cada indivíduo recebia uma estampa ou pequena cruz de madeira ou metal, símbolo do compromisso transferido agora para o convívio quotidiano, de modo fortemente individualizado e passível de ser fruído privadamente.

Finalmente, após a bênção papal, com cânticos e vivas despedia-se o povo, que partia de alma arrebatada. No mesmo dia, ou no seguinte, retiravam-se os pregadores para os seus conventos.

III. Renovação

A virtude da Missão Popular, como método oratório, não reside unicamente na revitalização da vida cristã, mas também na melhoria do clima social. Reconciliavam-se famílias e pessoas desavindas; criavam-se novas associações pias e obras de beneficência e reorganizavam-se as existentes; a prática religiosa aumentava significativamente, havia mais crianças na catequese e a assiduidade aos sacramentos tornava-se mais efectiva.

Decorrido cerca de um ano, uma equipa missionária, habitualmente mais reduzida em número de elementos, voltava ao mesmo local para renovar a Missão. Esta acção podia durar apenas alguns dias ou uma semana inteira, de domingo a domingo. Tinha

comunhões, distribuídas por 12 sacerdotes, pelo que não admira que o Campo das Festas tenha sido reduzido para conter a enorme multidão que se aglomerou para participar»: *O Encerramento da Missão da Covilhã. Notícias da Covilhã* (21 de Maio de 1966), p. 1.

o fim de avaliar o grau de incorporação da mensagem e, ao mesmo tempo, consolidar as propostas doutrinárias e renovar os compromissos concretizados um ano antes na cerimónia de encerramento.

Como durante a Missão Popular, também na Renovação havia pregações, na igreja, e manifestações públicas da fé, na via pública. Consideravam-se igualmente os distintos grupos sociais antes referidos. Para as crianças havia um trabalho catequético de dois ou três dias e para os jovens e adultos, uma conferência por sector. Visitavam-se os doentes, fazia-se uma procissão de Nossa Senhora e voltavam a promover-se as confissões para preparar a comunhão geral. Nos sermões retomavam-se os principais temas doutrinários e morais, reforçados com permanentes apelos à militância cristã, como via para fomentar a perseverança no estado de graça. Terminava com uma cerimónia similar à do encerramento da Missão.

Conclusão

A Missão Popular afigura-se como um modelo de intervenção oratória no Portugal contemporâneo, que tem em vista a socialização de um universo populacional determinado, através da transmissão de uma doutrina, com recurso a diversas práticas oratórias tradicionais, associadas a manifestações públicas da fé.

No processo salienta-se a minuciosa preparação desenvolvida em três níveis: dos agentes, por meio do estudo sócio-religioso do meio; dos meios, através da criação de uma plataforma logística multidisciplinar; e dos destinatários, através da introdução de veículos de propaganda.

No momento da pregação, uma equipa composta por vários missionários competentes, fazem a gestão do programa previamente estabelecido, atingindo transversalmente toda a população, implicada individual e colectivamente. Ao longo de uma ou duas semanas, a incidência da mensagem faz-se por meio da oratória fortemente presente em vários momentos do dia, de forma a cobrir todo o espectro social. Paralelamente, a introdução de manifestações em espaços centrais da localidade, reforça o poder de penetração das ideias, alcançando franjas populacionais antes desguarnecidas. A intervenção missionária encerra com um momento de assunção de compromissos, assente sobre elementos simbólicos de impacto emocional. Por fim, o processo é passível de ser avaliado e renovado cerca de um ano depois, avivando nos destinatários os elementos doutrinários introduzidos e restaurando os compromissos pessoais e colectivos.